

En Doiro,  
antr'o Porto e Gaia

*Estudos de Literatura Medieval Ibérica*



*Organização*

JOSÉ CARLOS RIBEIRO MIRANDA

*revisão editorial*

RAFAELA DA CÂMARA SILVA



**estratégias criativas**

PORTO

# En Doiro, antr'o Porto e Gaia

*Estudos de Literatura Medieval Ibérica*





## A LITERATURA MEDIEVAL NOS NOVOS PROGRAMAS DE PORTUGUÊS DO ENSINO SECUNDÁRIO

### MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

ANA MARIA MACHADO  
Universidade de Coimbra  
anamacha@fl.uc.pt

Neste artigo pretendo dar conta do modo como a literatura medieval regressou aos programas do ensino secundário, depois da ausência ou mitigação que remontava à reforma de 2001-2002, conforme tive ocasião de descrever num outro contexto<sup>1</sup>. Na sequência do novo Programa de Português e das respetivas metas, homologados em 2014<sup>2</sup>, as editoras escolares iniciaram a preparação de novos manuais do 10.º ano, justamente o nível de ensino em que o período medieval é estudado. Entre o final de 2014 e março de 2015, decorreu o período de acreditação desses manuais, levado a cabo por equipas multidisciplinares, para o efeito constituídas pelo Ministério da Educação, de acordo com o modelo já desenhado em 2006 (Lei n.º 47, de 28 de Agosto)<sup>3</sup>, mas só agora aplicado aos manuais deste ciclo de estudos.

Do processo de certificação, pouco menos que hercúleo, resultaram onze manuais, publicados por oito editoras, sendo que três delas injetaram no mercado duas propostas cada (Porto Editora, Areal, Asa). O panorama torna-se ainda mais excessivo se

1. Na comunicação «O medieval clássico – aporia ou direito adquirido?», (II Colóquio da primavera. Os usos do clássico. Universidade de Coimbra – Minho – Santiago de Compostela. Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela. 11 a 13 de maio de 2011), afirmava que, *Grosso modo*, a literatura medieval deixou de constar do Programa de Português 10.º, 11.º e 12.º anos dos Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos, homologado para o 1º ano em 2001: 23/05/2001.
2. Cf. Helena C. Buescu, Luís C. Maia, Maria Graciete Silva, Maria Regina Rocha, *Programa e Metas Curriculares de Português. Ensino Secundário*, Ministério da Educação e Ciência, 2014.
3. Cf. ainda o Decreto-Lei n.º 261/2007, de 17 de julho, o Decreto-Lei n.º 258-A/2012, de 5 de dezembro e o Despacho n.º 95-A/2013, de 3 de janeiro), com especial referência aos critérios enumerados de 1 a 5 no anexo ao Decreto-Lei n.º 258-A/2012 de 5 de dezembro.

pensarmos que sete manuais pertencem a dois grandes grupos editoriais (Leya e Porto Editora)<sup>4</sup>.

Poder-se-ia dizer que há manuais para todas as necessidades educativas, mas de facto, o que se verifica é uma enorme semelhança, tanto na bibliografia crítica, o que não surpreende, quanto, o que poderá ser mais singular, mas não inusitado, na seleção de textos, na replicação das notas a partir de manuais do século passado e até na iconografia<sup>5</sup>.

Partindo da observação do produto final, o presente trabalho incide sobretudo na consciencialização do muito que é necessário fazer pelo ensino da literatura medieval no Ensino Secundário e, neste âmbito, colocar em discussão o que é, de facto, relevante ensinar.

Entre novembro de 2014 e março de 2015, a equipa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra acreditou, em regime de revisão cega, sete<sup>6</sup> dos onze manuais, o que permitiu aos seus membros adquirirem uma noção do estado da arte no que diz respeito ao conhecimento divulgado sobre a literatura medieval. Dos restantes

- 
4. Dentro do Grupo da Porto Editora, conta-se ainda o manual da editora Raiz e, do grupo Leya, o manual da Texto. Fora dos grandes grupos editoriais, ficaram os manuais das editoras Didática, Plátano e Santillana.
  5. A análise dos questionários foi deliberadamente deixada para um trabalho posterior.
  6. Embora o processo de avaliação e acreditação esteja sujeito a sigilo profissional, a identificação das entidades acreditadoras é pública e em 10 dos 11 manuais vem indicada na respetiva capa ou portada. Assim, foram avaliados e acreditados pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, os seguintes manuais: Elsa Machado Freitas, Isabel Gomes Ferreira, Maria Luísa Barbosa, *O caminho das palavras. Português 10.º ano*, revisão científica (Linguística): Clara Amorim, Lisboa, Areal Editores, 2015; Alexandre Dias Pinto, Patrícia Nunes, *Entre nós e as palavras. Português 10.º ano*, consultor científico: Luís Prista, consultor literário: João Dionísio, Livro do Professor, Lisboa, Santillana, 2015; António Vilas-Boas, Manuel Vieira, *Entre palavras 10. Português 10.º ano*, ilustração de Alberto Faria, Delfim Ruas, imagens © Bridgeman |AIC, Edição do Professor, Lisboa, ASA, 2015; Ana Eustáquio, Gisela Peixoto, Paulo Mendes, *Intertextos 10. Português*, ilustração de Catarina Fernandes, imagens © Shutterstock e autores, consultora científica: Teresa Araújo da Universidade Nova de Lisboa, Manual do Professor, Lisboa, Plátano Editora, 2015; Célia Cameira, Fernanda Palma, Rui Palma, *Mensagens. Português 10.º ano*, ilustração de Inês Moura Paes, Rachel Cayano, Sofia Pereira, Manual do Professor, Lisboa, Texto, 2015; Graça Moura, Lídia Ricardo, *Palavras certas. Português 10.º ano*, ilustração de Catarina Fernandes; fotografia: Shutterstock, consultora linguística: Lídia Teixeira, Manual do Professor, Lisboa, Didática Editora, 2015; Ana Catarino, Célia Fonseca, Isabel Castiajo, Maria José Peixoto, *Sentidos. Português 10*, ilustração de Sónia Oliveira, imagens © Corbis, Bridgeman/AIC, Shutterstock, Edição do Professor, Lisboa, ASA, 2015.

manuais, três foram acreditados pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa<sup>7</sup> e um, pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Leiria<sup>8</sup>

Acredita-se que entre autores, consultores ou revisores, equipas de certificação e editores tenha dominado o espírito de colaboração em prol de um maior rigor e de produtos mais fiáveis, situação tanto mais natural quanto aumenta o número de especialistas envolvidos no processo. Ressalve-se que as equipas de acreditação apenas certificam os manuais. Os demais cadernos são-lhes alheios, sendo da única responsabilidade dos autores que assinam os manuais, pelo que não serão considerados nesta breve análise.

Apresentado o enquadramento do processo de avaliação e de acreditação, na parte em que a equipa do Ministério da Educação intervém, passo à fundamentação científica que sustentou a unidade didática sobre a literatura medieval e, para efeitos de demonstração, concentro-me apenas na poesia trovadoresca<sup>9</sup>.

Paira no cenário geral uma grande falta de pessoalidade por parte dos autores de manuais. Com a exceção de *Novo Plural 10*, em que os autores assinam as duas páginas do apartado contextual<sup>10</sup>, e de umas escassas «sínteses informativas» elaboradas a partir de algumas das obras consultadas<sup>11</sup>, no manual *Entre palavras 10*<sup>12</sup>, genericamente, os autores optam por se substituir pelas *auctoritates*, onde a *História da Literatura Portuguesa* de António José Saraiva e Óscar Lopes pontifica, sendo citada com diferente frequência em oito dos onze manuais.

Com menor regularidade, cinco manuais citam o verbete «Sátira», assinado por Luís de Sousa Rebelo, e publicado no *Dicionário de Literatura Portuguesa*, de Jacinto do Prado

- 
7. Elisa Costa Pinto, Paula Fonseca, Vera Saraiva Baptista, *Novo Plural 10. Português 10.º ano*, consultora científica: Prof. Doutora Helena Buescu, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; consultora linguística: Dr.ª Maria do Carmo Azeredo Lopes, Exemplar do Professor, Lisboa, Raiz Editora, 2015; Pedro Silva, Elsa Cardoso, Sofia Rente, *Outras Expressões 10. Português 10.º ano*. Revisão científica: Maria Luísa Azevedo. Manual + Guia do Professor, Lisboa, Porto Editora, 2015; Maria João Pereira, Fernanda Bela Delindro, Maria Isabel Pinto, *Palavras 10. Português 10.º ano*, supervisão científica: Literatura: Maria Graciete Silva Prof.ª Doutora aposentada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Linguística: Isabel Margarida Duarte, Prof. Doutora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Livro do Professor, Lisboa, Areal, 2015.
  8. Noémia Jorge, Sónia Gonçalves Junqueira, *Encontros. Português 10.º ano*, revisão científica: Maria Antónia Doutora em Linguística da Universidade de Lisboa, Exemplar do Professor, Lisboa, Porto Editora, 2015.
  9. A outra unidade didática sobre a Idade Média é dedicada a Fernão Lopes e à Primeira Parte da *Crónica de D. João I*.
  10. Cf. *Novo Plural 10. Português 10.º ano*, p. 25-25 da secção «Para começar», pp. 24-27.
  11. V.g., José Augusto Cardoso Bernardes *et al.* (dir.), *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Lisboa, Verbo, 1995-2005, 5 vols.
  12. Cf. p. 77. Exceptuam-se as rubricas de consolidação, síntese ou sistematização dos manuais *Sentidos, Intertextos 10, Encontros, Entre nós e as palavras e Palavras certas*.

Coelho<sup>13</sup>, de 1960; quatro recorrem ao *Dicionário da Literatura Medieval*, com a coordenação de Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, que remonta a 1993<sup>14</sup>; o mesmo número cita *A Lírica Galego-Portuguesa*, editada por Elsa Gonçalves e Maria Ana Ramos, com uma primeira edição em 1983<sup>15</sup>, e o projeto *Littera, edição, atualização e preservação do património literário medieval português*, coordenado por Graça Videira Lopes, entre 2007 e 2010<sup>16</sup>. Seguem-se, com presença em três manuais, o volume da *História Crítica da Literatura Portuguesa* dedicado à Idade Média, assinado por Aida Dias e publicado em 1998<sup>17</sup>; a *História e Antologia da Literatura Portuguesa – séculos XIII e XIV*, de 1984, com o capítulo «A literatura medieval. A poesia», de autoria de Esther de Lemos<sup>18</sup>; e, de Maria Ema Tarracha Ferreira, *Poesia e Prosa Medievais*, com uma primeira edição de 1950<sup>19</sup>. No domínio da história, os nomes de A. H de Oliveira Marques<sup>20</sup> e de José Mattoso<sup>21</sup> são citados em quatro manuais. Pontualmente, são ainda referidos outros autores de relevo de que destaque, do passado, Álvaro Júlio da Costa Pimpão<sup>22</sup>, Manuel Rodrigues Lapa<sup>23</sup>, Vitorino Nemésio<sup>24</sup>, ou, no presente, os contemporâneos António Resende de Oliveira<sup>25</sup> ou Carlos Alvar<sup>26</sup>.

Uma tão longa distância entre os medievalistas citados institui, naturalmente, uma veneração pela historiografia literária mais remota. Porém, e sem que isso comprometa a

- 
13. Cf. *Dicionário de Literatura Portuguesa*, 3.<sup>a</sup> ed., Porto, Figueirinhas Editor, 1984, vol. 4, pp. 990-992.
  14. Publicado em Lisboa, pela Caminho. O reconhecimento de G. Tavani como autoridade na matéria é ainda visível em mais dois trechos, um de *Poesia e Ritmo* (Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1983) e outro de *Ensaios Portugueses* (Lisboa, IN-CM, 198).
  15. Publicada em Lisboa, pela Editorial Comunicação.
  16. Cf. <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/>>.
  17. Publicado em Lisboa, pela Editorial Verbo.
  18. Publicado em Lisboa, pela Calouste Gulbenkian.
  19. Publicada em Lisboa, pela Ulisseia.
  20. Cf. *A sociedade medieval portuguesa*, Lisboa, Liv. Sá da Costa, 1964 (com reeds. posteriores).
  21. Cf. *O essencial sobre a cultura medieval portuguesa: séculos XI a XIV*, Lisboa: Imp. Nac. – Casa da Moeda, 1993; *História da vida privada em Portugal. Vol. 1. A Idade Média*, coord. Bernardo Vasconcelos e Sousa, Lisboa, Temas e Debates / Círculo de Leitores, 2011; e Armindo de Sousa, *História de Portugal. Vol. 2. A monarquia feudal: 1096-1480*, Lisboa, Estampa, 1993.
  22. Cf. *História da literatura portuguesa*, 1.<sup>o</sup> vol., *Idade Média*, Coimbra, Quadrante, 1947.
  23. Cf. *Lições de Literatura Portuguesa. Época medieval*, 10.<sup>a</sup> ed., Coimbra, Coimbra Editora, 1981 (1934).
  24. Cf. *A poesia dos trovadores (séculos XII-XV)*, sel. e pref. de Vitorino Nemésio, Lisboa, Livraria Bertrand, 1950.
  25. Cf. *O trovador galego-português e o seu mundo*, Lisboa, Editorial Notícias, 2001.
  26. Cf. com Jenaro Talens, *Locus amoenus. Antología de la lírica medieval de la Península Ibérica (latín, árabe, hebreo, mozarabe, provenzal, galaico-português, castellano y catalán)*, Barcelona, Galaxia Guttenberg, 2009.

excelência dos autores convocados, académicos de reputadíssimo valor e acima de qualquer suspeita, a citação destas obras exige que se distingam dados supostamente objetivos de interpretações ou conjecturas, e que todos estes sejam filtrados em função do estado da arte plasmado nas mais recentes obras de referência que, na realidade, já não são tão atuais como seria desejável – ao *Dicionário de Literatura Medieval*, ao primeiro volume da *História Crítica da Literatura Portuguesa* e à enciclopédia *Biblos*, apenas há que acrescentar a *História da Literatura Portuguesa*, editado pelas publicações Alfa, em 2001<sup>27</sup>.

Justamente por haver esta distância entre «antigos» e «modernos», convém que a referência das fontes seja rigorosa e, apesar de, segundo creio, se estar no bom caminho, as várias entidades envolvidas deverão fazer um esforço de maior sistematicidade a vários níveis. De facto, nem sempre o aluno, naturalmente incauto, é devidamente informado sobre a temporalidade dos excertos que lhe são dados a ler, pois o cuidado na identificação das obras não é uma preocupação constante ao longo de todos os manuais. Só *Outras expressões 10* indica o número de edição seguida e a data da primeira edição, permitindo situar a obra no seu tempo, e nenhum manual reporta edições revistas. Em qualquer das situações, é necessário evitar informação ultrapassada, como é o caso da identificação de D. Sancho I com o trovadorismo, num excerto da *História da Literatura Portuguesa* de A. J. Saraiva e O. Lopes<sup>28</sup>.

Transitando para o domínio das edições dos textos literários, *A lírica galego-portuguesa*, uma excelente antologia de divulgação, continua sem concorrente<sup>29</sup> e é utilizada em oito manuais: em *Entre nós e as palavras* e *Palavras 10*, em exclusivo e, nos demais, em combinação com outras edições. O outro exclusivo encontra-se em *Intertextos 10* que transcreve as lições do projeto *Littera*. Nos restantes manuais há combinações várias entre estas edições e as de Vítorino Nemésio, de 1950<sup>30</sup>, de Maria Ema Tarracha Ferreira, de 1977<sup>31</sup>, de Alexandre Pinheiro Torres, do mesmo ano<sup>32</sup>, de Stephen Reckert e Helder Macedo, de 1996<sup>33</sup>, da edição coordenada por Mercedes Brea, em 1996<sup>34</sup>, ou da

27. Lyon de Castro (ed.), vol. 1. *Das Origens ao Cancioneiro Geral*, Lisboa, Publicações Alfa, 2001.

28. Cf. a sugestão do excerto das pgs 45-46, da 17.<sup>a</sup> ed., em *Entre palavras 10*, p. 50, e a atribuição taxativa da cantiga «Ai eu, coitada, como vivo en gran cuidado» a D. Sancho I, no manual *Novo Plural 10*, p. 35.

29. As antologias posteriormente publicadas são seleções de género.

30. Cf. *op. cit.*

31. Cf. *Antologia literária comentada: Idade Média*, Lisboa, Editorial Aster, 1977.

32. Cf. *Antologia da poesia trovadoresca: séc. XII-XIV*, introd., notas, paráfrases e glossário de A. P. T., Porto, Lello & Irmãos, 1977.

33. Cf. *Do cancionero de amigo*, 3.<sup>a</sup> ed. corr. e aum., Lisboa, Assírio & Alvim, 1996.

34. *Lírica profana galego-portuguesa*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, 1996, 2 vols. Disponível em <www.cirp.es> .

base de dados a que deu origem, a Med DB<sup>35</sup>, e de Graça Videira Lopes, de 2002<sup>36</sup>. Com uma oferta editorial distribuída por quase 70 anos, é natural que algumas lições tenham sido revistas, como é o caso mais flagrante do *unicum* de Mendinho revisto por G. Tavani em 1990<sup>37</sup>.

A questão das edições fiáveis para que João Dionísio chamava a atenção na *Conferência Internacional sobre o Ensino de Português*, de 2007<sup>38</sup>, persiste, no que à poesia galego-portuguesa diz respeito, mas, passados quase dez anos, assume outros contornos. Não me refiro, obviamente, ao contexto académico, mas a florilégios fiáveis, rigorosos e preparados para as necessidades das escolas. É certo que o mundo digital supre muitas destas necessidades e, neste ambiente, a «Base de dados da Lírica Profana Galego-Portuguesa» (disponível em linha, presta um extraordinário contributo, na medida em que disponibiliza as últimas edições preparadas pelos filólogos medievais. Exigiria, porém, que os autores dos manuais fizessem um esforço suplementar, no sentido de encontrar um critério uniforme para a transposição didática dos textos. De certo modo, o projeto *Littera* responde a este quesito, pois procedeu à modernização das cantigas, enriquecida por notas explicativas, abrindo-se, assim, a um público mais vasto, ao mesmo tempo que, tal como a Med DB oferece ao especialista a hipótese de confrontar a leitura apresentada com a imagem do(s) manuscrito(s).

Estou consciente de que a edição a apresentar no manual é uma das áreas críticas a exigir ponderação. Do meu ponto de vista, admitiria uma uniformização ortográfica mínima para evitar ruídos na compreensão, sem todavia comprometer a alteridade do estado de língua. Esta foi de resto a opção de alguns dos manuais (*v.g.*, *Intertextos 10, Entre nós e as palavras*<sup>39</sup>). A bem dos alunos, seria conveniente que a preparação dos manuais acordasse procedimentos comuns, começando justamente pela definição dos critérios de fixação textual num manual de Português. Uma tal necessidade é tanto mais premente quanto estamos em fase de implementação do acordo ortográfico e que, quanto maior for a instabilidade, mesmo em textos

35. Base de dados da lírica profano galego-portuguesa (Med DB), versão 2.3.3., Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades. Disponível em <www.cirp.es>.

36. Cf. *Cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores e jograis galego-portugueses*, Lisboa, Estampa, 2002.

37. Cf. *A Poesia Lírica Galego-Portuguesa*, Lisboa, Editorial Comunicação, 1990, pp. 140-141. Dos manuais publicados, só o *Novo Plural 10* mantém ainda o duplo refrão «eu atendend'o meu amigo! / eu atendendo o meu amigo!». Cf. p. 33. Segundo G. Tavani, seguido nos restantes manuais, em parte, por intervenção da equipa de acreditação, o refrão deverá ser «eu atendend'o meu amigu'! e verrá?».

38. Cf. «Defesa e ilustração de um cânone de edições», in *Actas. Conferência Internacional sobre o Ensino do Português*, Lisboa, Ministério da Educação/DGIDC, 2008, pp. 209-215.

39. A este propósito, deve dizer-se que as equipas de acreditação dificilmente conseguem proceder ao cotejo textual entre as versões citadas e a transcrição dos manuais, no escasso tempo de que dispõem para o processo de avaliação e acreditação, sendo essa uma tarefa dos autores e revisores dos manuais.



medievais, mais difícil será conseguir que o aluno domine a ortografia do seu idioma. Assim, parecer-me-ia aceitável que os textos fossem tendencialmente modernizados e que a grafia fosse uniformizada. Exemplifico o que digo com o último dístico de *Ondas do mar de Vigo*, de Martim Codax, uma cantiga que aparece em dez dos onze manuais do 10º ano.

O confronto com as lições dos três manuscritos<sup>40</sup> exige escolhas e revela usuais instabilidades internas. Celso Cunha<sup>41</sup> é o editor seguido por Brea<sup>42</sup>, e por Gonçalves e Ramos<sup>43</sup>, que introduzem algumas divergências, enquanto o arquivo *Littera* moderniza e reinterpreta a pontuação<sup>44</sup>:

Cunha (1956) / Brea	Se vistes meu amado, / por que <b>ey</b> gran coydado? / <b>E ay Deus</b> , <i>se verrá cedo!</i>
Gonçalves & Ramos	Se vistes meu amado, / por que <b>ei gram</b> coydado? / <b>E ai Deus</b> , <i>se ver<u>ra</u> cedo!</i>
Littera	Se vistes meu amado, / <b>o</b> por que <b>hei gram</b> coydado? / <b>e ai Deus</b> , <i>se ver<u>ra</u> cedo?</i>

A partir destas leituras, os manuais exercem combinatórias várias e, aparentemente, nem sempre deliberadas:

O Caminho das Palavras	Se vistes <b>o</b> meu amado, / por que <b>ei gram</b> coydado? / <b>E ai Deus</b> , <i>se ver<u>ra</u> cedo!</i>
Encontros	Se vistes meu amado / por que <b>ei gram</b> coydado? / <b>E ai Deus</b> , <i>se ver<u>ra</u> cedo!</i>
Entre Nós e as palavras	Se vistes meu amado, / por que <b>ei gram</b> coydado? / <b>E ai Deus</b> , <i>se ver<u>ra</u> cedo!</i>

40. Cancioneiro da Biblioteca Nacional, B 1278, Cancioneiro da Vaticana, V 884, Pergaminho Vindel - N 1. Cf. imagem em <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1308&cpv=sim>>.

41. Cf. *O Cancioneiro de Martin Codax*, Rio de Janeiro, 1956, p. 40.

42. Cf. ed. cit., pp. 611-612. A negrito regista os pontos em que as lições seguintes introduzem variações. Seguir-se-á o mesmo critério nas transcrições dos manuais. Na edição em linha, segue-se a edição de Antonio Fernández Guiadanes *et al.*, *Cantigas do mar de Vigo. Edición crítica das cantigas de Meendinho, Johan de Cangas e Martin Codax*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, Consellería de educación e Ordenación Universitaria, Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, 1998: «Se vistes meu amado, / o por que ei gran coydado, / e, ai Deus, se verra cedo!».

43. Sublinho também as diferenças em relação a Celso Cunha.

44. Cf. <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1308&cpv=sim>>.

Intertextos	Se vistes meu amado, / o por que hei gram cuidado? / e ai Deus, se verrá cedo?
Mensagens	Se vistes meu amado, / o por que ei gran cuidado! / E ai Deus, se verrá cedo!
Novo Plural	Se vistes meu amado, / por que hei gran cuidado! / E ai Deus, se verrá cedo!
Outras Expressões	Se vistes meu amado, / por que ei gran cuidado! / E ai Deus, se verrá cedo!
Palavras Certas	Se vistes meu amado, / por que hei gran cuidado! / E ai Deus, se verrá cedo!
Palavras	Se vistes meu amado, / por que ei gram cuidado? / E ai Deus, se verra cedo!
Sentidos	Se vistes meu amado, / por que ei gram cuidado? / E ai Deus, se verra cedo!

E, se se alargasse o confronto a outros casos, encontrar-se-ia numa mesma cantiga, uma instabilidade ortográfica quase equivalente à do estado de língua que os cancioneiros fixaram. Assim, mantendo o exemplo, atrevo-me a sugerir, apenas para alunos deste nível: «Se vistes meu amado, / o por que hei gram cuidado? / E ai Deus, se verrá cedo!»<sup>45</sup>.

Estou certa de que a sugestão apresentada não é isenta de riscos, mas a aproximação tendencial da ortografia atual, libertaria a memória operativa para procedimentos mais relevantes do ponto de vista da aprendizagem e da memória de longa duração.

Como disse antes, no presente contexto, interessa-me discutir o que é de facto relevante ensinar neste nível de ensino, ou, de outro modo, que memória literária medieval se pretende criar no aluno. Do ponto de vista dos textos de apoio, se é certo que o manual pode servir para expor o aluno a excertos de bibliografia crítica atualizada, com contextualizações rigorosas e ensaios estimulantes sobre matéria trovadoresca, a atomização dos fragmentos pode comprometer o diálogo desejável entre a reação ao texto literário e as análises propostas pelos autores dos manuais e pelos medievalistas citados. Além disso,

45. Apesar dos conhecimentos no domínio de história da língua ministrados aos alunos e, do meu ponto de vista, excessivos, não é crível que professores e alunos leiam os textos com a fonética da época. Neste ponto, como sensibilização para a matéria, creio que bastará que lhes seja dado ouvir uma das gravações que reconstituem a partitura medieval, prestando atenção sobretudo às aberturas vocálicas. V.g., <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/versoesmusicais.asp?cdcan t=1308&cvm1=38&cvm2=45&cvm4=114&cvm5=236&cvm6=287&cvm7=305&cvm8=322&cvm9=346&cvm10=373&cvm11=398&cvm13=442>>. Direção musical: Pedro Caldeira Cabral, Canto: Isabel Biu; Grupo de câmara: La Batalla, Lisboa, EMI-Valentim de Carvalho, 1984.

raramente se estimula a ponte entre os textos de apoio transcritos e as cantigas, sendo ambos sujeitos a diferentes questionários ou a exercícios independentes<sup>46</sup>.

De igual modo, penso que a oferta excessiva de cantigas<sup>47</sup> distrai a atenção e não favorece a consolidação da memória literária do período trovadoresco. Recorde-se que as Metas curriculares indicam que sejam escolhidas quatro cantigas de amigo, duas de amor e duas de escárnio e maldizer<sup>48</sup>. Compreende-se que os autores dos manuais pretenderam dar alguma liberdade aos professores, todavia, do meu ponto de vista, exageraram na oferta, em geral, bastante homogénea como se pode ver no quadro de frequências:

Autor	Texto	Frequência
D. Dinis	— Ai flores, ai flores do verde pino,	11
Pero Garcia Burgalês	Roi Queimado morreu com amor	11
Martim Codax	Ondas do mar de Vigo,	10
Airas Nunes	Bailemos nós já todas tres, ai amigas	9
D. Dinis	Quer'eu em maneira de proençal	9
Pai Soares de Taveirós	Como morreu quem nunca bem	8
Pero Viviães	Pois nossas madres van a San Simon	8
Joam Garcia de Guilhade	Ai, dona fea, fostes-vos queixar	7
Mendinho	Sedia-m'eu na ermida de Sam Simiön	7
Pero Meogo	— Digades, filha, mha filha velida,	6
Nuno Fernandes Torneol	Levad', amigo, que dormides as manhanas frias;	6
Pero da Ponte	Se eu podesse desamar	6

46. Cf., v.g., *Sentidos*, pp. 38-39 e 40; *Entre palavras 10*, pp. 48-51, 55; ou *Palavras certas*, pp. 48-49, que solicita anotações no caderno a partir dos textos de apoio.

47. Uma média de quatorze cantigas por manual, com um mínimo de onze e um máximo de dezoito.

48. Cf. Buescu *et al.*, *Programa e Metas Curriculares...*, p. 13.

D. Dinis	Proenças soem mui bem trobar	5
D. Afonso Mendes de Besteiros	Don Foão, que eu sei que há preço de livão	4
Martim Soares	Foi um dia Lopo jogar	4
D. Dinis	Nom chegou, madr', o meu amigo	4
Bernal de Bonaval	A dona que eu am' e tenho por senhor	3
Afonso X	Ai eu coitada, como vivo em gram cuidado	3
Martim de Ginzo	Como vivo coitada, madre, por meu amigo	3
D. Dinis	Que soidade de mha senhor ei	3
Bernal de Bonaval	Ai fremosinha, se bem hajades,	2
Pero Garcia Burgalês	Ai madre, bem vos digo	2
Roi Queimado	Nostro Sennor, e ora que sera	2
Pero da Ponte	Quen a sesta quiser dormir,	2
Joam Garcia de Guilhade	Un cavalo non comeu	2
Martim Codax	Ai ondas, que eu vim veer,	1
Martim Codax	Eno sagrado, em Vigo	1
Joam Garcia de Guilhade	Estes meus olhos nunca perderán	1
Pero Meogo	Levou-s'a louçana], levou-s'a velida	1
Martim Codax	Mandad'ei comigo,	1
Fernam Velho	Maria Pérez se maifestou	1
D. Afonso Mendes de Besteiros	Mha madre, venho vos rogar	1
Nuno Eanes Cerzeo	Mha senhor fremosa	1

Pero Gonçalves de Portocarreiro	O anel do meu amigo	1
Pero Gonçalves de Portocarreiro	Par Deus coitada vivo	1
Gil Peres Conde	Quer-mi a mi a dona mal	1
Martim Soares	Senhor fremosa, pois me non queredes	1
D. Dinis	Senhor, eu vivo coitada	1
Joam Airas de Santiago	Todalas cousas eu vejo partir	1
Nunes	Un infançon mi á convidado	1
Nuno Fernandes Torneol	Vi eu, mia madr', andar	1
Joam Servando	Filha, o que queredes ben	1

Considerando agora que, no *item 6* do ponto 15 das Metas, dedicado à apreciação textos literários, se exige a leitura de «uma ou duas obras do Projeto de Leitura relacionando-a(s) com conteúdos programáticos de diferentes domínios»; que, no *item* seguinte (7), se recomenda a análise de «recriações de obras literárias do Programa, com recurso a diferentes linguagens (por exemplo, música, teatro, cinema, adaptações a séries de TV), estabelecendo comparações pertinentes»; e que, no ponto 16, consagrado à situação das «obras literárias em função de grandes marcos históricos e culturais», se solicita, a comparação com «diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores»<sup>49</sup>, cabe interrogarmo-nos sobre a educação literária que se quer desenvolver. Embora todas estas questões sejam legítimas e pertinentes do ponto de vista do ensino da literatura, a resposta que os manuais oferecem, sendo fiéis à demanda programática, não deixa de se afigurar, também aqui, excessiva e perturbar a atenção do aluno.

Tratando-se do primeiro tema literário a estudar no ensino secundário, e sendo-lhe dedicado apenas oito aulas<sup>50</sup>, atrever-me-ia a sugerir que se moderassem ao máximo as leituras comparadas, relevantes na demonstração da herança medievla, mas correndo o risco de, em função do escasso tempo em que a matéria é tratada, diluir distâncias temporais. Sem comprometer o interesse de algumas propostas, o vaivém entre as «flores do verde pino» e as «novas» que Manuel Alegre demanda<sup>51</sup>,

49. Cf. Buescu *et al.*, *Programa e Metas Curriculares...*, pp. 46-47.

50. Cf. Buescu *et al.*, *Programa e Metas Curriculares...*, p. 33.

51. Cf., *v.g.*, *Palavras Certas*, p. 36. De resto, o poema «Como ouvi Linda cantar por seu amigo José» também é usado noutros manuais. Cf. *Outras expressões 10*, p. 46.

apesar da inequívoca presença medieval, arrisca-se a dispersar energias e diluir referências literárias ainda ténues. Como as Metas curriculares apenas elencam os itens, sem indicar em que momento devem ser abordados, os manuais oferecem distintas soluções, desde colocar os «outros textos literários» num apartado final<sup>52</sup> – o que me parece a solução mais acertada, na medida que permite cimentar o foco da unidade de educação literária<sup>53</sup> antes de passar para uma leitura comparatista –, à introdução de textos literários e, eventualmente, de textos de imprensa no interior da unidade<sup>54</sup>.

Sei que esta posição é igualmente discutível, mas o que aqui defendo diz apenas respeito ao contexto do ensino de Português no 10.º ano. E é bom recordar que, para a grande maioria dos estudantes, este será o único contacto que terão com a lírica trovadoresca, pelo que seria bom que esta iniciação se viesse a traduzir numa memória com identidade própria e não numa nebulosa de poetas que clamam por seus amigos. Por este motivo, reservaria as abordagens intertextuais para o contacto com fenómenos de receção produtiva, quando se estudassem períodos literários cronologicamente mais avançados. Nesse momento, o aluno poderia recuperar informação previamente adquirida e, com uma aprendizagem idealmente consolidada, estaria apto a confrontos menos suscetíveis de neutralizações estéticas.

Em função do nível de ensino em causa e da distribuição dos tempos letivos, a abordagem comparatista parece-me bem mais fecunda no domínio das interartes, sobretudo se o confronto for feito com imagens ou música da época. O aluno ganha com a imersão no tempo histórico e com uma forma comum, ou no mínimo sincrónica, de recortar e de ver o mundo.

Regressando aos manuais e ao modo como recorrem a estas práticas, observa-se que nem todos optam pelo cruzamento intertextual, mas todos investem com maior ou menor acerto na ilustração das cantigas. Compreende-se que as oito cantigas a estudar não podem ser objeto de uma mesma estratégia, pelo que a abordagem interartística não pode, nem deve ser uma constante. Porém, o investimento pictórico não logra reduzir-se a mero *décor*, pelo que há de ser semântica e esteticamente produtivo e convenientemente referenciado (obra, data e museu ou coleção a que pertence), o que nem sempre acontece.

52. Nesta artigo, pronuncio-me apenas sobre os textos literários, embora alguns manuais incluam na unidade dedicada à poesia trovadoresca reportagens, entrevistas, notícias. Cf., v.g., *Encontros*, p. 70, 75, e *Mensagens* ou *Sentidos*, respetivamente, pp. 42, 44, *passim*, e 36, 37, *passim*.

53. Assim acontece em *Novo Plural 10*, com 9 autores da poesia árabe peninsular do século XI de um dos livros que as Programa e Metas curriculares indicam para Projeto de Leitura: Adalberto Alves (ed.), *O Meu Coração é Árabe* (poemas escolhidos). Cf. pp. 54-55.

54. Um caso extremo, a este nível, parece ser o de *Encontros*, onde se abrem rubricas várias para introduzir os textos pretendidos. Dou um só um exemplo: integrado na Educação Literária e Escrita, acrescenta-se à cantiga de amor de D. Dinis um excerto de *Dom Quixote de la Mancha* sobre Dulcineia e um excerto do poema «Receita de mulher», de Vinicius de Moraes, levando o aluno a viajar dos séculos XIII-XIV ao século XX, passando pelo século XVII.

Os bancos de imagens com que muitas editoras operam, como o Shutterstock ou outros indicados na ficha técnica dos manuais<sup>55</sup>, nem sempre identificam devidamente a proveniência dos seus dados, exigindo dos autores uma pesquisa ulterior, de forma a dar ao aluno informações rigorosas sobre o que lhe é dado a ver.

Neste ponto os manuais socorrem-se maioritariamente e naturalmente a iluminuras contemporâneas dos textos, como são as do Cancioneiro da Ajuda, das Cantigas de Santa Maria ou do Grande Cancioneiro de Heidelberg (códice Manesse) alemão, e, apesar da sua disposição um tanto aleatória, conseguem criar a ideia do espetáculo trovadoresco<sup>56</sup> e de possíveis relações entre o trovador e a amada, no último caso. Paralelamente, em algumas aproximações entre pintura e cantigas, verifica-se também uma tendência para os pré-rafaelitas oitocentistas, pelas suas afinidades com o gótico tardio. Sirva de exemplo a relação entre a cantiga de Mendinho e a pintura *Miranda*, de Waterhouse (1916), explorada em *Entre nós e as palavras*<sup>57</sup>.

Insisto que estas observações visam tão só dar conta de algumas dificuldades com que os autores de manuais se deparam, obrigando a uma reflexão sobre possíveis soluções para as superar, tanto ao nível da formação inicial como da formação contínua de professores. É facto que, de um modo geral, as universidades descuraram a educação interartística, pelo que, frequentemente, os professores são confrontados com exigências para as quais não estão preparados. Na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, por exemplo, a unidade curricular Estudos Interartes no curso de Português remonta apenas a 2007<sup>58</sup> e, espera-se, a partir do ano letivo de 2017-2018, também funcionará no mestrado em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino. Assim, também o domínio interartístico carece de um acréscimo de formação e de sensibilização para a importância pedagógica da iconografia.

Do ponto de vista das áreas críticas do ensino da poesia trovadoresca, detetadas tanto nas soluções apresentadas pelos manuais, como em ações de formação subsequentes, verifica-se a perpetuação de noções há muito revistas. Apenas a título de exemplo, refiro a insistência nas origens populares das cantigas de amigo<sup>59</sup>. Ora este e outros pontos como o lugar dos trovadores nas cortes régias e senhoriais, exigem uma revisão sociológica e histórica mais aprofundada e são difíceis de assimilar e transpor, de forma coerente e sistemática. De resto, como disse, muitos dos textos de apoio afiguram-se excessivos, comprometendo a distinção entre o essencial e o acessório e sobrecarregando o aluno com

55. *V. supra*, notas 4 a 6.

56. Algumas das iluminuras do cancionero mariano são alusivas aos milagres aí narrados, pelo que um tanto desajustadas. *V.g.*, as selecionadas nas páginas 28 e 29, do manual *Mensagens*.

57. *Cf.* pp. 24-25. A mesma pintura aparece junto da mesma cantiga, no manual *Novo Plural 10*, mas sem qualquer exploração, embora numa nota, na banda do professor, se explique a inclusão dos pré-rafaelitas. *Cf.* p. 28. Em nenhum caso se explica que esta figura pertence ao legado shakespeariano e a um contexto diegético completamente diferente.

58. A designação mudou para «Literatura e outras Artes», no ano letivo de 2015-2016.

59. Muito presente nos textos de apoio que inicialmente acompanhavam alguns manuais.

dados que o desviam do texto literário e da competência de leitura literária. Menciono apenas algum exagero na informação sobre os cancioneiros, visível também na identificação manuscrita dos textos sem explicação prévia<sup>60</sup>.

Se até aqui tenho vindo a abordar questões de forma e de conteúdo, de seguida questionarei a possibilidade de modificar o modo como se didatiza o enquadramento dos três géneros canónicos. E menciono apenas estes porque, na perspetiva da educação literária deste ciclo de estudos, não me parece necessário introduzir os alunos nos géneros que autores como Tavani designam menores ou contaminados. Pelo contrário, importa que o estudante distinga claramente os géneros canónicos e compreenda o alcance da sobredeterminação literária – e isto é educação literária e é transversal a todas as épocas. Ora, para cumprir este objetivo, o aluno necessita de entender o modo como cada um dos géneros pode filtrar uma mesma situação, a partir de olhares diferentes, que vão da perspetiva masculina, ou simuladamente feminina, à diversidade das lentes utilizadas: idealizadoras ou distorsoras, sublimes ou grotescas, abstratizantes ou concretizadoras. É evidente que a lecionação em função da tripartição é plenamente justificável tanto pela historiografia literária e consequente prática docente, como pelos termos da Arte de Trovar e pela organização dos próprios cancioneiros. Pergunto-me apenas se esta estanquidade favorece a aprendizagem; acredito que seja mais simples ensinar em registo tripartido, mas recorro que o programa insiste muito na complexidade por excelência do discurso literário<sup>61</sup>, pelo que, organizar esta unidade didática a partir da complementaridade e do diálogo genológicos poderia constituir uma iniciação mais fecunda e estimulante do que a apresentação independente dos géneros, por vezes excessivamente árida e técnica, tanto mais que se exigem outros níveis de correlações textuais e intersemióticas<sup>62</sup>.

Antes de concluir, uma última observação que se prende com a pertinência da distinção entre escárnio e maldizer. É consabido entre os medievalistas, mas não naturalizado *extra muros*, que a separação não passa pela identificação do visado e também que há hoje uma forte tendência para neutralizar a diferença estabelecida, *a posteriori*, é certo, pela Arte de Trovar. São igualmente conhecidos os fundamentos dessa indistinção, mas também é verdade que a sua separação é estribável na própria consciência metaliterária de trovadores (ainda que em escasso número). Como quer que seja, e apesar de todas as dificuldades que a separação suscita, inclino-me a mantê-la em nome da identificação de duas modalidades diversas de «dizer mal», que, por vezes, confluem numa mesma cantiga e que o aluno deve aprender a destrinçar. A favor desta manutenção está, de novo,

60. Em *Novo Plural 10*, todas as cantigas são acompanhadas das siglas dos cancioneiros onde se encontram e do número de série. Cf., *v.g.*, p. 28: «Pero Viviaz, CBN, 735; CV, 336». É certo que há aqui uma preocupação de grande rigor, mas estou em crer que esta informação se afigura desnecessária neste nível de ensino.

61. Cf. Buescu *et al.*, *Programa e Metas Curriculares...*, pp. 4-7.

62. *V. supra*, as referências aos pontos 15 e 16 das Metas curriculares.



uma ideia de uma educação literária transversal e não acantonada a um ou outro período histórico.

As considerações aqui expendidas em torno do ensino da poesia trovadoresca no ensino secundário visam tão só dar conta do regresso da literatura medieval a este nível de ensino, das condições em que esse retorno é feito e das responsabilidades que ele envolve.

Neste sentido, embora discorde em absoluto da prática do livro único, não posso deixar de exprimir grandes reservas perante o negócio, seguramente lucrativo, que subjaz à edição de onze manuais para o 10.º ano. Creio que todos beneficiaríamos com a criação de alguns instrumentos reguladores deste comércio da literatura. Incomoda pensar na quantidade de profissionais envolvidos, quer na elaboração dos manuais, quer nas redes de revisão e de avaliação, sem que a vantagem seja proporcional ao número de agentes do processo. Uma redução drástica do número de manuais a acreditar, por nível de ensino, poderia introduzir um acréscimo de qualidade no sistema, na medida em que as editoras seriam mais criteriosas nas suas propostas e aceitariam os autores mais qualificados, tanto do ponto de vista científico quanto pedagógico-didático. Ser formador de Metas não habilita cientificamente, pelo que, se os manuais são certificados, talvez caiba perguntar se não se poderá exigir igualmente alguma certificação específica aos autores de manuais.

A ser assim, gerar-se-ia um natural e desejável aumento na procura da formação contínua na área da docência, hoje residualíssimo. Num trabalho recente, tive oportunidade de contabilizar as ofertas neste domínio e o resultado foi confrangedor<sup>63</sup>. Não o afirmo por corporativismo, mas apenas por me parecer muito significativo e recíproco o ganho obtido sempre que as instituições de ensino básico e secundário interagem com as do ensino superior. Além de que, naturalmente, a Universidade tem sérias responsabilidades na transferência de saberes.

Finalmente, não sendo expectável que o professor do ensino secundário esteja a par da investigação de ponta, importa que domine a bibliografia de referência. Para tal, é necessário que a Academia se envolva na elaboração de sumas credíveis e rigorosas que constituam repositórios de um saber patrimonial que só alcança este epíteto se for partilhável. E essa bibliografia – a que já existe e respetivas atualizações, ou novas obras de sistematização, a surgir proximamente – tem de estar disponível nas escolas secundárias e, sobretudo tem de ser (re)visitada amiúde. A este conjunto de obras impressas, essencial ao paradigma do professor-investigador, há que acrescentar o domínio das bases de

63. Cf. «A formação literária dos professores no sistema de ensino português (2007-2014)», apresentado no *Colóquio Português língua pluricêntrica do século XXI*, no dia 21 de maio de 2015, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, organizado pelo Instituto Internacional da Língua Portuguesa, pelo Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada e pelo Centro de Literatura Portuguesa. No ano de 2014, no domínio da Literatura Portuguesa, as cinco universidades consideradas (Porto, Aveiro, Coimbra, Lisboa e Universidade Nova de Lisboa) ofereceram apenas quatro ações formação contínua acreditadas pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua do Ministério de Educação, numa clara desproporção considerando os restantes domínios.

dados textuais, lexicais, bibliográficas<sup>64</sup> que, autorizadas pelas instituições que as suportam, prestam um serviço público da maior relevância. Deseja-se tão só que a necessidade do mercado escolar constitua um estímulo à revigoração da oferta universitária<sup>65</sup>.

Com tudo o que ficou dito, e não obstante alguns escolhos, o balanço desta nova realidade escolar só pode ser positivo, ainda que esteja longe de ser perfeito. O regresso da literatura medieval ao ensino secundário cria redobradas exigências aos professores dos ensinos secundário e superior e a consciência do que correu menos bem é apenas um primeiro passo. A oportunidade tem de ser acarinhada e cuidada. Com manuais que serão válidos durante seis anos, o professor do ensino secundário necessita de ser criterioso e consistente no domínio da educação literária, controlando a dispersão que a sobrecarga textual, literária, crítica e icónica, possa causar no aluno. Porém, também do lado do ensino superior há responsabilidades a que os medievalistas se não podem furtar, tanto no acompanhamento das experiências letivas, como na dinamização de ações de formação<sup>66</sup>. Espera-se, pois, que novos diálogos, mais consistentes e fecundos, se estabeleçam entre ambas as instituições e sejam reconhecidos e valorizados ao nível da apreciação curricular dos colegas do ensino secundário.

- 
64. Penso, por exemplo, no *Corpus Lexicográfico Português*, um projeto da Universidade de Aveiro e do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, em linha desde 2006 (<<http://clp.dlc.ua.pt/Inicio.aspx>>), no Manuel Ferreiro, (dir.), *Glosario da poesia medieval profana galego-portuguesa*, Universidade da Coruña, 2014- (<<http://glossa.gal>>) ou no *PhiloBiblon*, uma base de dados biobibliográfica de textos escritos em romance da Península Ibérica durante a Idade Média e no início do Renascimento (<<http://vm136.lib.berkeley.edu/BANC/philobiblon/>>).
65. William Craveiro e eu própria estamos a concluir as Concordâncias da poesia galego-portuguesa – um projeto coordenado pelo Prof. Telmo Verdelho e por mim –, que contou com a colaboração de um conjunto de mestrandos e doutorandos da pós-graduação em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A data e o lugar de acesso será divulgado mal estejam resolvida logística informática.
66. Na sequência desta consciência, enquanto diretora do Mestrado em Ensino de Português e no âmbito do Núcleo de Estudos em Ensino da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, criei, em 2015-2016, o primeiro ciclo de ações de formação sobre conteúdos literários, tendo sido uma delas dedicada justamente à poesia trovadoresca.